

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :
mudanças e tendências 2 / Organizadoras Denise Pereira,
Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena,
2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-221-0

DOI 10.22533/at.ed.210202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS INTERNAS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL ENTRE OS MORADORES DO BAIRRO PROGRESSO – ERECHIM/RS	
Clovis Schmitt Souza Rubia Samanta da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2102022071	
CAPÍTULO 2	12
A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA PATERNA NO CICLO GRAVIDÍCIO-PUERPERAL	
José Salomão de Freitas Mesquita Ana Lizete de Souza Bastos Maria Eliane Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2102022072	
CAPÍTULO 3	16
A NOTICIABILIDADE NO SITE DE MÍDIA INDEPENDENTE JORNALISTAS LIVRES	
Ana Carolina Brandão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2102022073	
CAPÍTULO 4	29
CERIMONIAL RELIGIOSO: UMA ANÁLISE SOBRE ELABORAÇÃO DE EVENTOS RELIGIOSOS A PARTIR DE UMA FESTA DE CANDOMBLÉ EM ÁGUAS LINDAS DO GOIÁS	
Wdson Lyncon Correia de Oliveira Elissélia Keila Ramos Leão Paes Fabrício José da Silva Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.2102022074	
CAPÍTULO 5	42
COMPROMISO DE LA ÉTICA AXIOLOGICA SUSTENTABLE PARA LAS NUEVAS GENERACIONES DE INGENIEROS QUIMICOS INDUSTRIALES	
Rebeca Teja Gutiérrez Edmundo Resenos Díaz Nidia López Lira	
DOI 10.22533/at.ed.2102022075	
CAPÍTULO 6	59
EDUCAÇÃO E SAÚDE: ANÁLISE DO PERFIL SOCIOCULTURAL DOS HÁBITOS ALIMENTARES E DA SAÚDE EM ADOLESCENTES DA PRIMEIRA FASE DE 10 A 14 ANOS	
Victor Hugo de Oliveira Henrique Viviane de Oliveira Henrique Dayane Tonaco Assunção Larissa Gabriela Araujo Goebel Kaique Alves de Souza Pedro Aurélio Tataira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.2102022076	
CAPÍTULO 7	69
INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA DA JUVENTUDE À MATURIDADE DE SIMÓN RODRÍGUEZ	
Brennan Cavalcanti Maciel Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.2102022077	

CAPÍTULO 8	81
O PAPEL DA CEAGESP NA COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE	
Larissa Oliveira Dionisio	
Antonio Nivaldo Hespanhol	
DOI 10.22533/at.ed.2102022078	
CAPÍTULO 9	94
O USO DA PLATAFORMA DIALOGA BRASIL COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O FOMENTO AOS CANAIS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR: BREVES RESULTADOS OBSERVADOS	
Laercio José Peres dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2102022079	
CAPÍTULO 10	113
PROJETO BARRAGINHAS NO NOROESTE DE MINAS GERAIS: DESENVOLVIMENTO REGIONAL E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	
Elias Rodrigues de Oliveira Filho	
Natacha Souza John	
Rogério Leandro Lima da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.21020220710	
CAPÍTULO 11	129
PROPOSTA DE MÉTODO TÉCNICO PARA ESTUDO DESCRITIVO DE ABSENTEÍSMO POR LICENÇA MÉDICA DA UNESP, CÂMPUS DE ILHA SOLTEIRA	
Beatriz Garcia Lopes	
Joeder Aparecido da Silva Flores	
Renata Trasse de Oliveira Barbosa	
Rogério de Oliveira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.21020220711	
CAPÍTULO 12	142
QUALIFICAR PARA PRESERVAR: UMA CONTRIBUIÇÃO FORMATIVA	
Haroldo Gallo	
Marcos Tognon	
DOI 10.22533/at.ed.21020220712	
CAPÍTULO 13	154
SUICÍDIO E TRABALHO CONTEMPORÂNEO	
Daniela Piroli Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.21020220713	
CAPÍTULO 14	165
SUSTENTABILIDADE SOCIAL COMO OBJETIVO INTERNACIONAL E TENDÊNCIA NAS LICITAÇÕES	
João Ricardo Vicente	
DOI 10.22533/at.ed.21020220714	
CAPÍTULO 15	176
THOMAS KUHN E O CÓDIGO DE ÉTICA MÉDICA: A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE	
Luís Carlos Silva de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.21020220715	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	185
ÍNDICE REMISSIVO	186

O PAPEL DA CEAGESP NA COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 25/03/2020

Larissa Oliveira Dionisio

Mestranda em Geografia - Bolsista FAPESP

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Faculdade de Ciências e Tecnologias

Presidente Prudente

<http://lattes.cnpq.br/5961517900238015>

Antonio Nivaldo Hespanhol

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Faculdade de Ciências e Tecnologias

Presidente Prudente

<http://lattes.cnpq.br/6472166033420989>

RESUMO: A Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) foi criada em 1969, tendo como principal função armazenar grãos e comercializar produtos hortifrutigranjeiros. A CEAGESP detém a maior rede pública de armazéns do Estado de São Paulo e um complexo de 13 unidades atacadistas, sendo uma empresa de economia mista vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A pesquisa tem como objetivo principal analisar a atuação da unidade da CEAGESP de Presidente Prudente como ponto de convergência de

produtos hortifrutigranjeiros, com base na atuação de empresas e agentes vinculados aos circuitos superior e inferior da economia urbana. As análises foram empreendidas tendo como base os pressupostos da teoria dos dois circuitos da economia urbana desenvolvida por Santos (1976; 1979), associada à noção de circuitos espaciais de produção, desenvolvida pelo mesmo autor no ano de 1986.

PALAVRAS-CHAVE: CEAGESP, circuitos espaciais de produção, hortifrutigranjeiros, comercialização.

THE ROLE OF CEAGESP IN THE COMMERCIALIZATION OF HORTICULTURE IN THE PRESIDENTE PRUDENTE REGION

ABSTRACT: The Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) was created in 1969, with the main function of storing grains and selling horticultural products. CEAGESP owns the largest public network of warehouses in the State of São Paulo and a complex of 13 wholesale units, being a mixed economy company linked to the Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA). The main objective of the research is to analyze the performance of the CEAGESP unit in Presidente Prudente as a point of convergence

of horticultural products, based on the performance of companies and agents linked to the upper and lower circuits of the urban economy. The analyzes were undertaken based on the assumptions of the theory of the two circuits of urban economy developed by Santos (1976; 1979), associated with the notion of spatial circuits of production, developed by the same author in 1986.

KEYWORDS: CEAGESP, spatial circuits of production, horticulture, commercialization.

1 | INTRODUÇÃO

A CEAGESP surgiu de uma fusão entre duas empresas, a Central Estadual de Abastecimento (CEASA) e a Companhia de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP), em 1969, ambas estatais e paulistas que tinham como principais funções o armazenamento de grãos e a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros.

Verificou-se que não há estudos sobre a unidade da CEAGESP do município de Presidente Prudente, em razão disso foram consultados trabalhos sobre a CEAGESP de outros municípios ou com a temática dos circuitos espaciais de produção e dos dois circuitos da economia urbana.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: Levantamento bibliográfico sobre a história das centrais de abastecimento, os circuitos espaciais de produção e dos circuitos superior e inferior da economia urbana. Coleta de dados e informações de fonte secundária referentes à produção de hortifrutigranjeiros na Região de Presidente Prudente. Levantamento de dados estatísticos referentes à produção hortifrutigranjeira na Região de Presidente Prudente, em publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como de dados e informações constantes em documentos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA); da Associação Brasileira de Companhias Armazenadoras Oficiais (ABCAO); da Associação Brasileira de Centrais de Abastecimento (ABRACEN) e da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), além da própria CEAGESP.

Realização de entrevistas com feirantes e com dirigentes de empresas que compram da CEAGESP. Foram selecionados dois hipermercados, dois supermercados e dois pequenos mercados, situados em bairros de Presidente Prudente. Todas as entrevistas foram realizadas com a utilização de roteiros previamente elaborados.

2 | AS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO E A COMPANHIA DE ENTREPOSTOS E ARMAZÉNS DO ESTADO DE SÃO PAULO (CEAGESP)

Diferentemente do PRONAF “que foi um marco nas políticas públicas brasileiras” (FREDO; OTANI, 2015, p. 9), resultantes da mobilização de trabalhadores rurais que lidavam com a dificuldade em se inserir no mercado agropecuário, as centrais de

abastecimento surgiram de uma iniciativa governamental.

A crise de abastecimento no início dos anos 1960 e a má distribuição dos alimentos estimularam a criação das centrais de abastecimento, segundo Queiroz (2014), a idealização surgiu através do Grupo Executivo de Modernização do Abastecimento, no ano de 1968.

As dificuldades na constituição dos preços e na distribuição dos produtos fizeram com que o Governo Federal criasse centrais de abastecimento, o que levou a ampliação da demanda por produtos hortifrutigranjeiros.

As primeiras CEASAs foram criadas entre os anos de 1972 e 1974, os quais eram regidos pelo I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND). Entre os anos de 1975 a 1979, durante o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) foram criadas outras 19 unidades das CEASAS. Na década de oitenta, a fase de implantação de unidades das CEASA estava quase finalizada, sendo aprimorado o sistema operacional e o incentivo do mercado interno e externo. No entanto, isto não impediu a descentralização, bem como implementação de unidade das CEASAS no interior.

Carvalho e Pinheiro (2010) ressaltam que as centrais de abastecimentos foram baseadas em experiências europeias, especialmente francesas e espanholas. Queiroz (2014) considera que as centrais de abastecimento atuam como instituições compostas de um conjunto de intermediários, por se tratarem de firmas atacadistas e de atravessadores hortifrutigranjeiros.

Segundo Hespanhol (2013) políticas públicas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) visam facilitar o acesso à alimentação, mostram-se mais vantajosos porque a figura do intermediário não se faz presente no momento da comercialização.

Como salientam Anjos e Becker (2014), os produtores familiares, até a década de 1970, tinham acesso a mercados locais através da venda da produção às feiras regionais ou atravessadores.

Apesar da presença dos atravessadores ser muito forte, as centrais de abastecimento possibilitaram a maior integração de pequenos produtores rurais ao mercado, podendo comercializar seus produtos diretamente, pois “a criação de um posto de comercialização direto para o produtor rural constitui em um benefício para o mesmo, uma vez que elimina a figura do atravessador no processo de comercialização” (GOMES; ANTONIALLI; COSTA, 2005, p. 3).

Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), os agricultores que mais acessam as Ceasas são, em sua maioria, de pequeno porte ou em sistema familiar, sendo as CEASAS uma importante plataforma logística de comercialização. Contudo, a atuação dos atravessadores ganhou importância ao longo do tempo, pois, no passado, a figura do intermediário estava ligada apenas à exportação, mas, atualmente, o seu papel é o de fornecer e transportar alimentos. A impossibilidade de o produtor vender diretamente os seus produtos ao consumidor decorre de dificuldades econômicas

e logísticas. Mesmo assim, as centrais de abastecimento são positivas aos pequenos produtores, pois agilizam o escoamento da produção, embora haja grandes barreiras para a atuação direta dos produtores rurais na comercialização dos seus produtos, em decorrência da pequena escala, da falta de padronização e da sazonalidade da produção, dentre outras limitações.

Segundo Arroyo (2012), São Paulo teve importante papel na divisão territorial do trabalho, à medida que concentrou altos investimentos públicos e privados promovendo a expansão das atividades econômicas. Ao passo que “Concomitantemente, aceleraram a construção de sistemas de engenharia que lhe servem como base material. De todo modo, diferenciações territoriais configuram-se no interior do estado, e se manifestam também na esfera das trocas comerciais.” (ARROYO, 2012, p. 18).

A CEAGESP surgiu de uma fusão entre duas empresas, a Central Estadual de Abastecimento (CEASA) e a Companhia de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CAGESP), em 1969, ambas estatais e paulistas que tinham como principais funções o armazenamento de grãos e a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros.

Conforme Cunha e Campos (2008) houve a renegociação das dívidas dos Estados Brasileiros com a União no final dos anos 1990, o que culminou na federalização de duas das maiores empresas atacadistas “que representam conjuntamente mais de 60% do comércio atacadistas nacional de FLV¹, a CEAGESP (SP) e a Ceasaminas (MG)” (CUNHA; CAMPOS, 2008, p. 10), com o intuito de privatizá-las.

Em 1997 a CEAGESP foi incorporada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), sendo federalizada, deu-se também o vínculo com Programa Nacional de Desestatização (PND), com o intuito de privatizá-la. No entanto, com o decreto presidencial 8.417/ 2015, em março de 2015, a CEAGESP retirou-se do PND, abrindo a possibilidade para o acesso a linha de crédito para investimento e parcerias públicas e privadas, compreendendo que a Companhia era uma empresa pública, ao passo que ratificou a presença do poder público na elaboração de políticas específicas para o setor de abastecimento.

A CEAGESP detém a maior rede pública de armazéns do Estado de São Paulo e 13 unidades de entrepostos atacadistas localizadas nos municípios de Araçatuba, Araraquara, Bauru, Franca, Guaratinguetá, Marília, Piracicaba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Paulo e Sorocaba.

¹ “FVL – Frutas, legumes e verduras, utilizado como sinônimo de produtos hortigranjeiros.” (CUNHA; CAMPOS, 2008, p. 9).

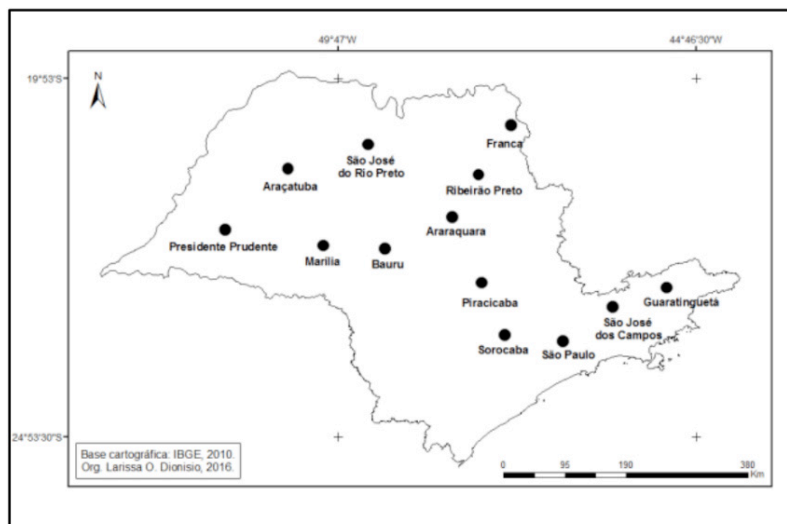


Figura 1 – Localização dos entrepostos da CEAGESP no estado de São Paulo.

Fonte: Larissa O. Dionísio (2015).

Lorenzani e Silva (2004) *apud* Firetti *et al* (2011) ressaltam que a maior parte dos produtos hortícolas tem sido comercializada por intermédio das centrais de abastecimento, sendo as suas unidades responsáveis pelo abastecimento de supermercados, hotéis, cozinhas industriais e penitenciárias, com produtos cultivados em hortas, pomares e demais empreendimentos agrícolas, além de oferecerem estabilidade na quantidade comercializada, como ressaltam Bengozi *et al* (2007).

No caso das centrais de abastecimento, algumas das etapas da produção estão espacialmente dispersas, possibilitando contactar os centros de comando da produção, isto é, o comando dos circuitos está situado em poucos lugares. Como evidencia Silva (2013), a especialização produtiva dos lugares será explicitada através da divisão territorial do trabalho, na medida em que há um acréscimo no valor no interior dos próprios circuitos espaciais de produção.

Belik e Cunha (2015) afirmam que as centrais de abastecimento foram originalmente baseadas na comercialização direta de produtos hortifrutigranjeiros. A CEAGESP possuía como missão possibilitar a comercialização direta de produtos agrícolas pelos produtores rurais, entretanto, em algumas localidades como em “São Paulo e Rio de Janeiro a maioria da comercialização é feita por atravessadores” (MAZON, 2010, *apud* VEDANA, 2012, p. 2).

No que concerne aos produtos hortifrutigranjeiros, as centrais de abastecimento interagem com os circuitos superior e inferior da economia urbana, pois nelas atuam empresas atacadistas e transportadoras que, segundo Santos (2008), fazem a articulação dos dois circuitos.

Verifica-se na tabela 1 que o maior volume médio de comercialização anual é realizado na unidade da CEAGESP em São Paulo, com 3,4 milhões de toneladas por ano, seguido de Ribeirão Preto, com 238,7 mil toneladas e Sorocaba com 120,5 mil toneladas anuais.

Em oposição o menor volume médio é comercializado nas unidades de Franca com 12,9 mil toneladas anuais, seguida de Marília com 14,4 mil toneladas anuais. Vale ressaltar, no entanto, que a unidade da CEAGESP de Guaratinguetá não foi computada, porque esses valores se referem à comercialização de frutas, legumes, verduras, pescados e diversos (alho, batata, coco seco, ovos e cebola) e na unidade de Guaratinguetá é realizada apenas a comercialização de flores.

Municípios	Volume médio de comercialização (1.000t./mês)	Volume Anual (Em mil Ton.)
Araçatuba	1,8	22,1
Araraquara	3,9	47,2
Bauru	6,8	81,8
Franca	1,0	12,9
Marília	1,2	14,4
Piracicaba	3,9	47,3
Presidente Prudente	5,0	61
Ribeirão Preto	19,9	238,7
São José do Rio Preto	8,0	96,7
São José dos Campos	8,9	107,5
São Paulo (ETSP)	283	3.400
Sorocaba	10	120,5

Tabela 1 – Comercialização das unidades da CEAGESP, por município.

Fonte: CEAGESP (2015).

Destaca-se a unidade de São Paulo, com 80,1% do volume total comercializado pela rede CEAGESP, seguido de Ribeirão Preto (5,6%), Sorocaba (2,8%), São José do Rio Preto (2,3%), Bauru (1,9%), Presidente Prudente (1,4%), Piracicaba (1,1%), seguido de Araraquara(1,1%), por fim Araçatuba (05%), Marília (0,3%) e Franca (0,3%).

Carvalho e Pinheiro (2010) ressaltam que nas centrais de abastecimento ocorre o manuseio, movimentação e armazenagem de produtos hortifrutigranjeiros, por haver grande fluxo de veículos, as centrais devem ser tratadas como componente operacional do sistema de transporte.

Com o desenvolvimento e a modernização dos transportes houve a redução do tempo necessário para transportar pessoas e mercadorias, bem como a redução dos custos. Esses fatores influenciam diretamente na produção, posto que uma área não precisa produzir tudo para sua subsistência, permitindo “rápidos ajustes de localização da produção, consumo” (HARVEY, 2004, p. 91).

A CEAGESP, como instituição, tem suas normas e comercializa não somente produtos hortifrutigranjeiros, mas também outros produtos, tais como flores e pescados. Firetti *et al.* (2011) ressaltam que está havendo mudanças na forma de comercializar,

pois os pequenos produtores não conseguem acompanhar as demandas do mercado. Tartaglia (1996) destaca que, mesmo com as inovações tecnológicas, as demandas não são supridas, havendo a progressiva exclusão dos agricultores familiares da CEAGESP.

3 | A CEAGESP DE PRESIDENTE PRUDENTE E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

Santos (2008) assinala que os países periféricos tiveram um desenvolvimento próprio que não pode ser correlacionado aos modelos de urbanização dos países centrais. A partir de tal premissa, o autor elabora a teoria dos dois circuitos da economia urbana: os circuitos superior e inferior.

De acordo com Santos (2008), o circuito superior é formado por bancos, serviços atacadistas e transportadoras, atividades ligadas a recursos lógicos no que concerne a utilização tecnológica, isto é, “Atividades muitas vezes ligadas a comandos e demandas externos e que possuem uma racionalidade instrumental no uso de tecnologias e sua organização” (COELHO; PEREIRA, 2011, p. 165).

Assim, o circuito superior, o circuito dito moderno, é um resultado direto da modernização tecnológica, com atividades em que predominam as relações externas ao lugar, à região, ao território, monopolizando e oligopolizando essas diferentes escalas do mercado, sendo um circuito formado pelo agronegócio, pelas grandes empresas mineradoras, pelas grandes indústrias, pelas grandes firmas da construção civil, pelas transportadoras logísticas, e pelo novo terciário, formado pelos comércios modernos e os serviços de média e alta complexidade (QUEIROZ, 2014, p. 109).

Já o circuito inferior é composto por atividades mais simples, tais como “[...] atividades de fabricação tradicionais, como artesanato, assim como os transportes tradicionais e a prestação de serviços” (SANTOS, 2008, p. 24). Atividades consolidadas em um único espaço visando aprovisionar uma pequena população, “configurando uma divisão do trabalho que é operado pelo próprio lugar” (COELHO; PEREIRA, 2011, p. 165).

Queiroz (2014, p. 109) salienta que

O circuito inferior, denominado vulgarmente de “tradicional”, é um resultado indireto da modernização tecnológica, com atividades em que predominam as relações internas ao lugar, à região, e ao território, de pequenas dimensões e voltadas aos interesses da população, em especial ao dos mais pobres, como a agricultura urbana familiar, as pequenas facções industriais, a produção artesanal, e o terciário “tradicional”, como as feiras livres, os mercados públicos, os camelôs, os ambulantes, o barbeiro, o alfaiate, os entregadores ou fretistas de mercadorias etc.

As atividades do circuito superior são classificadas como “puras”, “impuras” e “mistas”. As atividades que possuem vínculo com os dois circuitos da economia urbana são consideradas mistas, como são os casos das empresas atacadistas e transportadoras.

A compreensão dos dois circuitos da economia urbana permitirá “indicar caminhos analíticos sobre o funcionamento das cidades, especialmente apontando para as atividades que são criadas visando a geração de trabalho” (CATAIA, 2013, p. 64). De

acordo com o mesmo autor, os dois circuitos da economia urbana se distinguem pelo uso do capital, organização das atividades e utilização de tecnologia. No entanto, os dois circuitos possuem uma relação de complementaridade e até mesmo de concorrência, sendo parte de um mesmo sistema econômico.

No que concerne aos produtos hortifrutigranjeiros, as centrais de abastecimento interagem com os circuitos superior e inferior da economia urbana, pois nelas atuam empresas atacadistas e transportadoras que, segundo Santos (2008), fazem a articulação dos dois circuitos.

Conforme Silva (2013), a totalidade da economia urbana e tanto o circuito superior quanto o inferior se subordinam às leis gerais do funcionamento capitalista, ao passo que o surgimento dessa dinâmica urbana capitalista se deu através do incremento tecnológico.

Segundo Locatel e Hespanhol (2009), ainda que se façam necessários o aprimoramento e a disseminação de técnicas, as ligações intersetoriais associadas ao nível tecnológico retratadas pelo sistema agrícola moderno situam as atividades agrárias próximas da dinâmica urbana, através de suas características produtivas.

As centrais de abastecimento contribuíram para ampliar as relações cidade-campo, posto que a cidade exerce influência direta sobre as atividades agrícolas. Santos (2001) ressalta a imprescindibilidade da cidade no comando técnico e faz alusão ao que ele denomina de “urbano-residente”, que são as pessoas que trabalham no campo em atividades agrícolas, mas residem na cidade, o que também as torna urbanas.

De acordo com Santos (2008), o circuito inferior é recorrentemente denominado de terciário na literatura relacionada com a urbanização de países subdesenvolvidos, o circuito inferior compreende atividades de serviços mais simples, como transportadores e atividades domésticas, bem como atividade como artesanato e as formas pré-modernas de fabricação.

Em Presidente Prudente é possível considerar as feiras livres e os pequenos mercados de bairros como atividades do circuito inferior.

A Feira livre da Avenida Manoel Goulart é a principal da cidade e é realizada a mais de 60 anos. Nela foram realizadas entrevistas com dez feirantes, dentre os quais apenas dois são proprietários rurais. A maioria dos feirantes comercializa na feira da Manoel Goulart e em outras feiras da cidade, apenas uma das feirantes entrevistadas fornece seus produtos a restaurantes e mercados.

Dentre os 10 feirantes entrevistados, oito compravam todos os seus produtos da CEAGESP de Presidente Prudente, dois compravam apenas parte da produção da CEAGESP. Apenas um feirante entrevistado produzia para comercializar, enquanto o outro produzia para subsistência e eventualmente comercializa, preferindo comprar da CEAGESP.

Santos (2008) salienta que os supermercados e as grandes lojas são um fenômeno em expansão nos países subdesenvolvidos, pois criam tornam a oferta de produtos mais numerosa e diversificada.

Para a pesquisa de campo foram escolhidas seis empresas que compram produtos da CEAGESP, sendo elas: dois hipermercados, dois supermercados e dois pequenos mercados.

Como mostrado no gráfico 1, elaborado com dados obtidos por meio da pesquisa de campo, os mercados menores são mais dependentes da CEAGESP de Presidente Prudente, à medida que se abastecem totalmente com produtos hortifrutigranjeiros da central de abastecimento, já os dois supermercados pesquisados compram respectivamente 85% e 8%, sendo que o gerente do Supermercado Econômico, mencionou que compra a maioria dos produtos hortifrutigranjeiros diretamente de agricultores.

No que refere aos hipermercados, a dependência é mínima, sendo que o Carrefour adquire apenas cerca de 3% dos produtos hortifrutigranjeiros que comercializa da CEAGESP de Presidente Prudente e o Muffato Max, cerca de 6%. Segundo os entrevistados dos dois hipermercados, a maior parte dos produtos hortifrutigranjeiros comercializados é adquirida pelas respectivas matrizes destas empresas.

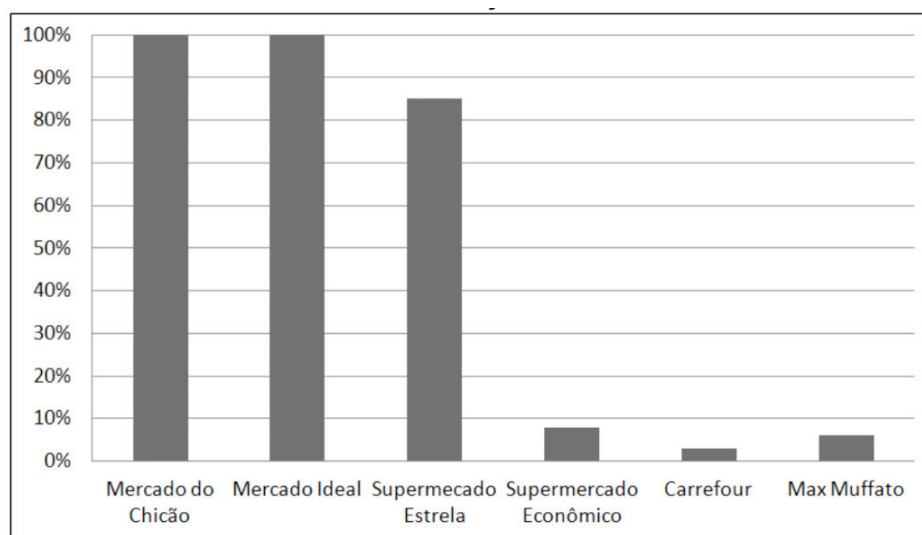


Gráfico 1 – Percentual dos produtos hortifrutigranjeiros fornecidos pela CEAGESP a instituições

Fonte: Pesquisa de Campo, 2016.

Os produtos que não são fornecidos pela CEAGESP de Presidente Prudente são fornecidos por outras empresas, o funcionário do Muffato Max não divulgou o nome da empresa, já do Carrefour o funcionário deixou claro que os produtos hortifrutícolas eram oriundos da matriz do Carrefour em São Paulo.

4 | A CEAGESP E O CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO

A especialização produtiva proporcionou circuitos espaciais variados com graus diferentes de produção, as mais modernas são captadas “quase sempre para os mercados elitizados das regiões metropolitanas e ao mercado internacional” (BINI, 2014,

p. 251), já as não tão modernas poderão ser captadas por outros mercados antes de serem comercializados na região produtora, elevando o preço e impedindo o acesso da população aos produtos. Apesar das revoluções tecnológicas ocorridas, sobretudo, a partir da década de 1960, e da modernização da agricultura a ela associada, “a fome e a subnutrição persistem, pois tais problemas não derivam propriamente da indisponibilidade de alimentos, mas na disparidade na sua distribuição” (HESPANHOL, A. N.; HESPANHOL R. A. M., 2010, p. 75).

Montagut (2009) apud Bini (2014) acentua o gasto que os circuitos extremamente amplos e dispensáveis no tempo e espaço influem no valor final dos produtos. Este é o caso de São Paulo, pois antes dos produtos serem distribuídos para os entrepostos situados no interior do estado, muitos vão primeiramente a CEAGESP de São Paulo, ocorrendo, inclusive, a aparente irracionalidade da dupla circulação da mesma mercadoria.

Santos (1988) ressalta que tem havido o progressivo incremento da especialização produtiva, sendo os circuitos regionais de produção substituídos por circuitos espaciais de produção, resultando na maior integração entre diferentes regiões, havendo um maior entrelaçamento dos circuitos produtivos. Todas as etapas do processo de produção se articulam por intermédio dos chamados circuitos espaciais de produção.

A CEAGESP visa comercializar produtos hortifrutigranjeiros e, em segundo plano, facilitar a interação entre produtores e consumidores e, esporadicamente, consumidores finais, a instituição é parte importante do circuito espacial de produção de produtos hortícolas.

Ao se estabelecer a relação entre os circuitos espaciais de produção e os circuitos superior e inferior, é possível enfatizar a integração entre “[...] as propriedades técnicas da produção, circuito das firmas, com a economia urbana” (SILVA, 2013, p. 6). Portanto, conhecer todas as fases do circuito espacial de produção, bem como sua relação com a teoria dos dois circuitos da economia urbana propicia a identificação dos impactos gerados por um determinado produto ou produção sobre a sociedade “que é comandada por diferentes atores e com distintos poderes de estruturação do espaço” (SILVA, 2013, p. 6).

5 | CONCLUSÃO

Em 1981 foi implementada a CEAGESP na cidade de Presidente Prudente, sendo que antes da instalação da CEAGESP, os estabelecimentos comerciais compravam os produtos diretamente dos produtor e de intermediários.

A CEAGESP possui grande influência na definição de preços, no caso de Presidente Prudente é possível notar que hipermercados e supermercados adquirem produtos fora da rede CEAGESP, utilizando-a como amparo caso ocorra algum problema com os

fornecedores dos quais normalmente adquirem os produtos, já os mercados menores têm grande, senão absoluta, dependência da dinâmica dessa central, paralelamente os feirantes também passaram a adquirir na CEAGESP os produtos que comercializam.

Além da tecnologia, o advento das centrais de abastecimento possibilitou aos comerciantes o acesso aos produtos agrícolas, importantes para o reabastecimento de seus estabelecimentos.

Com a crise de 2008 e a possível insegurança alimentar, a Associação das Centrais de Abastecimento (ABRACEN) conjuntamente com o Prohort criaram o manual operacional das Ceasas do Brasil, a fim de se antecipar a possível instabilidade e promover a instrução de inovações tecnológicas do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro (PROHORT), bem como procedimentos de higienização da produção hortifrutícola, cuidados no armazenamento etc.

A CEAGESP de Presidente Prudente reúne diferentes fluxos do circuito espacial de produção em diferentes escalas, transitando desde escalas nacionais até as locais. Neste caso, as escalas locais têm maior destaque, na medida em que apresenta um grande fluxo na própria região de Presidente Prudente. Os municípios que frequentemente fornecem a CEAGESP de Presidente Prudente são Álvares Machado, Regente Feijó, Anhumas e Indiana. Em termos de escala regionais, os principais são o Paraná e Minas Gerais.

Já no que se refere ao destino do fluxo de hortifrutigranjeiros suscitado pela CEAGESP de Presidente Prudente, o raio de atuação compreende o Pontal do Paranapanema e a Nova Alta Paulista, além do Noroeste do Paraná e o Leste do Mato Grosso do Sul.

O abastecimento através da CEAGESP na cidade de Presidente Prudente se dá principalmente em feiras e pequenos estabelecimentos como mercados de bairros, no entanto os supermercados e hipermercados também se utilizam dessas atividades quando ocorre imprevistos. Todos esses estabelecimentos são agentes finais das trocas para o consumo, tendo a CEAGESP uma finalidade intermediária. Assim a central reúne interações com os dois circuitos da economia urbana, além de incorporar os fluxos de diferentes circuitos espaciais da produção agrícola.

REFERÊNCIAS

ANJOS, F. S.; BECKER, C. **Agricultura Familiar e Mercados Institucionais: o desenvolvimento como liberdade.** *Revista Econômica*. Fortaleza, v. 45, p. 92-101, 2014.

ARROYO, M. **Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo.** *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v.2, n. 1, 2012, p. 7-26.

BENGOZI, F. J. **Análise do mercado de abacaxi comercializado na CEAGESP – São Paulo.** *Revista brasileira de fruticultura*. Jaboticabal, v. 20, n. 3, 2007, p. 494-499.

BINI, D. L. C. **Da formação socioespacial à diferenciação dos circuitos espaciais agropecuários na região de Araçatuba (SP)**. 2014. 638 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOMES, M. E. S.; ANTONIALLI, L. M.; COSTA, C. C. **Caracterização dos produtores rurais de Minas Gerais ofertantes da CEASA**. In: *Congresso da Sober*, 43. , 2005, Ribeirão Preto. *Anais...*Ribeirão Preto:SOBER, 2005.

CARVALHO, M. V. G. S. A. ; PINHEIRO, A. M. G. S. **A logística do abastecimento na RMB: o caso CEASA**. In: TOBIAS, M. S. G.; NETO, B. C. (Org.). *Grande Belém: faces e desafios de uma metrópole insular*. 1ª ed. Belém: Ponto Press Ltda., 2010, v. 01, p. 25-48.

CATAIA, M.; SILVA, S. C. da.; **Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade**. *Boletim Campineiro de Geografia*, v.3, n. 1, 2013, p. 55-75.

CEAGESP-*Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo*. Disponível em: <http://www.ceagesp.gov.br/atacado/rede/prudente> Acessado em: 6 de set. 2014.

COELHO, O. M.; PEREIRA, M. F. V. **O circuito inferior da economia na área central de Unerlândia (MG): avaliação e caracterização**. *Geografia (Londrina)*, Londrina, v. 20, n. 1, 2011p. 163-188.

CONAB *Companhia Nacional de Abastecimento*. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1209&t=> Acessado em: 13 de Abr. de 2016.

CUNHA, A. R. A A.; CAMPOS, J. B. **Sistema CEASA: uma rede complexa e assimétrica de logística**. In: *Seminário sobre a Economia Mineira*. 13, 2008, Belo Horizonte, *Anais...*, Belo Horizonte, p. 1-19.

FIRETTI, R. *et al.* **Participação de organizações sociais na gestão de entrepostos de abastecimento: o caso da Ceasa/PR em Londrina**. -*Informações Econômicas*, São Paulo, v. 41, n.4, 2011, p. 64-72.

HARVEY, D. **A globalização contemporânea**. In: *Espaços de esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 79 – 103.

HESPANHOL, A. N.; HESPANHOL, R. A. M. **Os efeitos da elevação dos preços das COMMODITIES agrícolas sobre a Segurança alimentar**. *Revista Faz ciência*, Paraná, v. 12, n. 15, 2010, p. 73-94.

LOCATEL, C. D.; HESPANHOL, A. N. Desenvolvimento da agricultura e espaço rural. In: SILVEIRA, M. R.; LAMOSO, L. P.; MOURÃO, P. F. C. (Org.). **Questões nacionais e regionais do território brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 117-132.

QUEIROZ, T. A. N. **A CEASA-RN e os circuitos da economia urbana: a circulação de hortifrutigranjeiros em Natal-RN**, 2014, 148 f. Dissertação (Mestre em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2014, 137 p.

SILVA, S. C. de. **A reorganização do circuito espacial da produção do vestuário no Brasil**. *Espaço e Economia*, 2013. Disponível em: <http://espacoeconomia.revues.org/475%20;%20DOI%20:%2010.4000/espacoeconomia.475> Acessado em: 01 de Set. 2015.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988, 124 p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, 174 p.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Trad. Myrna T. Rego Viana. 2ª Ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 440 p. (Coleção Milton Santos4)(Primeira Edição, 1979).

TARTAGLIA, J. C. Desenvolvimento, fome e segurança alimentar. In: GALEAZZI, M. A. M. (Org.). **Segurança alimentar e cidadania**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1996. p. 117-130.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afastamentos 129, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 159
América Latina 44, 69, 73, 79
Artes Integradas na Arquitetura 142

C

Canais de Participação 94, 95, 96, 97, 98, 109
CEAGESP 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
Ciclo Gestacional 12
Circuitos Espaciais 81, 82, 85, 89, 90, 91, 92
Comercialização 81, 82, 83, 84, 85, 86
Comunicação Pública 94, 95, 96, 97, 98, 109, 111, 112
Cuidados 12, 13, 14, 91, 131, 182

D

Desarrollo Sustentable 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58
Desenvolvimento Regional 113, 114, 115, 124, 125, 126, 127
Dialoga Brasil 94, 95, 98, 99, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111
Diferenciação Social 1, 7
Disputas Simbólicas 1, 9, 10
Doença 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 156, 158

E

Educação Natural 69
Educação Popular 69, 75, 76, 80
Espaço Urbano 1
Estratégias Didáticas 142

F

Formação Profissional 142, 143

H

Hierarquização 1, 3, 8, 10, 157
Hortifrutigranjeiros 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92

I

Ingeniero Químico Industrial 42, 48

J

Jornalismo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Jornalistas Livres 16, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27

M

Meio Ambiente 113, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 170, 174

Metodologia 33, 34, 39, 40, 41, 61, 79, 115, 129, 131, 133, 137, 138, 139, 140, 146

N

Noticiabilidade 16, 18, 21

P

Paternidade 12, 14, 15

Política 10, 20, 24, 32, 54, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 79, 80, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 118, 125, 127, 128, 130, 131, 133, 139, 154, 160, 162, 163, 165, 168, 171, 172, 173, 174

Produção 2, 5, 6, 7, 8, 10, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 37, 38, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 100, 101, 103, 104, 111, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 123, 126, 128, 132, 140, 154, 156, 159, 160, 161, 166, 167, 169, 171, 172, 173

Projeto Barraginhas 113, 114, 115, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127

R

Restauração Arquitetônica 142, 147, 153

S

Sustentabilidade 113, 114, 115, 116, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 152, 154, 162, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175

V

Valores 16, 19, 20, 30, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 60, 86, 109, 134, 144, 145, 158, 177, 178, 181, 182, 183

Valores-Notícia 16, 19

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020